

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS ESPAÇOS DE CONSUMO CULTURAL NA CIDADE DE PORTO ALEGRE

A identidade do Brique da Redenção¹

Sheila Messerschmidt da **Silveira**

Ana Luiza Carvalho da **Rocha** (orientação)

“A leitura de um texto é a ocasião de um encontro. (...) Ler é recriar. A palavra final não é dada por quem a escreve, mas por quem a lê. O diálogo interno do autor é a semente que frutifica (ou definha) no diálogo interno do leitor. A aposta é recíproca; o resultado, imprevisível.”

Eduardo Giannetti, em Auto-engano.

“Acabo de llegar a una ciudad de la cual desconozco su nombre. Hombres, como yo, circulan por las calles. Nada me liga a ellos. No soy conocido en la ciudad. Yo no conozco a nadie. Esto me da una independencia, de que gozo, por que se que nadie vendrá a perturbar mi libertad. ¿Que me liga a todo esto? Nada y todo. Nada, por que a nadie conozco ni se de nadie; pero todo, por que yo tambien soy un hombre.”

La ciudad sin nombre.

“A cultura está localizada na mente e nos corações dos homens.”

Ward Goodenough

Introdução

Falar sobre a sociedade humana é falar sobre comunicação. As relações entre as pessoas, e também delas com o seu ambiente, estão diluídas no universo da comunicação. Seja pela comunicação interpessoal ou, mais modernamente, por aquela dirigida às massas, o ser humano é agente, meio e alvo de um sistema de trocas sociais e simbólicas que alteram-se constantemente. O homem se transforma lado a lado com a sua capacidade de comunicar, fazendo com que as transformações sociais o acompanhem. E não seria exagero dizer que é uma necessidade humana fazer-se expressar.

Os estudiosos da comunicação há anos analisam o fenômeno como uma ‘transmissão intensional de mensagens entre um emissor e um receptor’. Esse tratamento do conceito de comunicação é chamado por Winkin (1998) de “a velha comunicação”. É uma abordagem mecanicista, que dominou a pesquisa em comunicação desde 1940, com sua institucionalização pelo mundo. Pela simplicidade

¹ Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo à banca examinadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Prof. Orientadora Ana Luiza Carvalho da Rocha. Porto Alegre, julho de 1999.

em resolver as questões (alguém transmite algo a outro alguém através de um meio), a velha comunicação floresce até hoje. Em contrapartida, Winkin fala também em uma outra comunicação, cuja visão do tema é mais exigente e rompe com o senso comum, a qual ele chama de nova comunicação². Essa visão coloca a comunicação em uma perspectiva ‘orquestral’.

“Em sua qualidade de membro de determinada cultura, o ator social faz parte da comunicação, assim como os músicos fazem parte da orquestra.”³

Portanto, a comunicação deve ser tratada não como um ato individual, mas como uma instituição social. A comunicação torna-se *‘performance’* permanente da cultura. Na feira do Brique da Redenção, a interação atores – meio - bens de consumo simbólicos cria condições para que a cultura seja executada. O ator social participa não só com palavras, mas também com seus gestos, olhares e silêncio, e só o pesquisador em comunicação poderá reconstruir esses fragmentos complexos.

“Este acoplamento entre trabalho etnográfico e perspectiva comunicacional ‘orquestral’ funda o que podemos chamar uma ‘antropologia da comunicação’. (...) Numa palavra, trata-se de trabalhar de maneira pontilhista (sendo cada ponto uma etnografia local) numa leitura comunicacional do mundo social.”⁴

Assim justifico a interdisciplinariedade desta pesquisa, que busca na antropologia as ferramentas mais ajustadas para a compreensão de um fenômeno de comunicação, de consumo cultural: a feira do Brique da Redenção, em Porto Alegre.

Um palco de cultura, como é o caso do Brique da Redenção, é um palco de significações. O senso comum nos fala de cultura ligada à erudição, ao estudo, palavras que evocam o domínio de filosofia e artes. Entretanto, a cultura é do ponto de vista antropológico, todo o conjunto de significados que há na análise do comportamento de indivíduos para com os outros e em relação ao ambiente. Arantes (1981), ao preocupar-se em explicar o pensamento do atropólogo frente ao estudo da cultura, nos revela a maneira com que cotidianamente lidamos com os códigos culturais em que estamos inseridos: “...compreender que ‘a cultura significa’ é mais fácil do que talvez pareça à primeira vista. Na verdade, realizamos constantemente, no dia a dia, operações mentais de codificação e decodificação de mensagens que requerem o conhecimento desses

² Para o autor, as ciências da comunicação estão num estágio pré-copernicano. “A comunicação como ato individual é o sol que se ergue e se põe todos os dias nos confins da Terra - velha comunicação; a comunicação como instituição social é a Terra que gira em torno do sol – nova comunicação.” (1998:14)

³ Winkin, 1998:14.

significados implícitos nas ações e nos objetos, e de suas regras de manuseio” (1981:27). Portanto, analiso o consumo cultural no Brique da Redenção como um fenômeno comunicacional entre seus frequentadores, dado a partir de um ou mais conjuntos de bens simbólicos dos quais diferentes grupos urbanos de Porto Alegre se apropriam, voluntária ou involuntariamente, para interagirem neste espaço.

“... interpretar o significado das culturas implica em reconstruir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam, as relações sociais que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas suas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos e a partir dos critérios de racionalidade desse grupo.”⁵

Todas as ações e objetos têm significados implícitos, e esses significados vêm carregados de status, chamados por Ryle⁶ de código estabelecido. Os grupos sociais frequentadores do Brique da Redenção exercem a capacidade de decifrar esses códigos a cada domingo, com maior ou menor consciência, clareza, de acordo com o que é apreendido pelo estilo de vida de cada um. Apropriar-se desses bens simbólicos é o exercício de interagir entre os estilos de vida que ali se encontram. Geertz fala sobre o trabalho e método de pesquisa da antropologia social citando esse mesmo conceito de cultura. Entretanto ele ressalta que o seu papel não é de um ‘decifrador de códigos’. A antropologia é uma atividade tanto observadora como interpretativa. A prática etnográfica constitui-se, portanto, na tarefa de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (1989:15).

Todas as interpretações sugeridas nesta monografia dizem respeito às experiências vividas por mim na Feira do Brique da Redenção, onde estive como observadora participante durante quatro meses, método que consiste em inserir-se no campo de pesquisa como um dos atores, entretanto, com o distanciamento necessário para que se possa apreender os fenômenos sociais com clareza. Assim, passei a frequentar o Brique da Redenção com regularidade e em horários variados, para que pudesse perceber todas as suas mudanças ao longo do dia. A investigação etnográfica traz ao pesquisador uma série de dificuldades subjetivas. Senti o perigo de realizar uma observação superficial, já que lidava com um espaço de sociabilidade da cidade onde

⁴ Winkin, 1998:18.

⁵ Arantes, 1981:34.

⁶ Gilbert Ryle apud Geertz, 1989:19.

vivo e freqüentado há muitos anos por mim. Também hesitei em acreditar que alguns aspectos fossem relevante para a observação, ou ainda, por vezes fiz julgamentos morais e afastei-me de situações que poderiam ser ricas para a descrição do Brique. O passo inicial foi desenvolver o estranhamento, o que na antropologia significa distanciar-se dos seus sentimentos em relação ao que está sendo vivido. Para alguém como eu que já era freqüentadora do Brique da Redenção, esse passo foi fundamental no sentido de procurar entender o consumo que eu mesma realizava na feira, o que buscava naquele espaço e entre aquelas pessoas.

Foi redigido um diário de campo, onde se anotou a cada domingo o trabalho realizado durante o dia: entrevistas, conversas informais, impressões pessoais e sensações a respeito do que foi observado e participado. A partir daí, foram desenvolvidas descrições etnográficas de cada dia de feira. Conforme Mauss (1993), os métodos de observação podem ser de dois tipos: métodos de observação e registro de materiais ou métodos de registro e observação morais. Mas ele ressalta:

“Distinção bastante arbitrária, pois a vida social não compreende nenhum elemento puramente material, nem nenhum elemento puramente moral.”⁷

Também foram realizadas entrevistas com os atores sociais do Brique (expositores, freqüentadores, vendedores ambulantes, moradores próximos,...) tanto na própria feira – de maneira informal – como nas casas dessas pessoas, onde o assunto pôde ser mais centrado e aprofundado. Os nomes dos depoentes apresentados nesta monografia são fictícios, mas as idades reveladas conferem com a realidade.

Ainda citando Mauss, “a primeira questão no estudo de uma sociedade consiste em saber de que é que se fala” (p.31). Seguindo a sugestão, realzei a observação e o registro cartográfico do Brique da Redenção, que é a descrição de como os grupos sociais cituam-se no espaço territorial compreendido pela feira. Igualmente realzei etnografia visual - registro fotográfico - de alguns aspectos consideráveis que ilustram a pesquisa e que, por isso, também são apresentadas aqui, inseridas no corpo do texto e explicadas através de notas ao final do trabalho. A etnografia visual constou como um dos instrumentos de observação do objeto. O uso conjunto dessas técnicas possibilitou a

⁷ Mauss, 1993: 31.

observação e o registro intensivo, ou seja, aprofundado, do Brique da Redenção. Ou, como diz Mauss:

“A utilização simultânea destes diferentes métodos permitirá não só chegar à fixação das massas, mas também à fixação dos indivíduos no interior das massas.”⁸

Os habitantes da cidade estão permanentemente construindo espaços de sociabilidade, espaços de comunicação. O Brique da Redenção é hoje um desses principais espaços na cidade de Porto Alegre. Todos os domingos, milhares de pessoas⁹ percorrem a avenida José Bonifácio, que tem seu trânsito interrompido para carros nesse dia da semana, na prática, há mais de vinte anos. Os veículos dão lugar para que manifestações culturais possam beirar o Parque Farroupilha. Encontramos ali o gaiteiro de rua, o artesão, o mímico, o ecologista, o artista plástico, o caricaturista, o violeiro, o malabarista, o ator, o tradicionalista.

Historicamente, o Parque Farroupilha sempre representou espaço de encontro, convergência e trocas culturais. Um espaço com essas características é referido por Maffesoli (1987) como um território mito. Assim, podemos reunir as características históricas do Parque Farroupilha e dos bairros que o circundam para contribuir na análise de como esse território, sob aspectos reais e simbólicos, se configura hoje.

“Antes do Brique, a gente sempre foi de se encontrar na Redenção, mas no Escaler, à tarde. Tanto que muitas vezes eu não ia no Brique, mas três, quatro horas da tarde para encontrar o pessoal no Escaler. Tinha a sorveteria que eu comia sorvete ali também. No Escaler era só a cervejinha, mesmo. A gente sempre ficava conversando e encontrava alguém. Ali tu ia sabendo que ia encontrar alguém.” (Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique)

A memória do Parque Farroupilha remonta ao início do século XIX, o ponto de entrada de Porto Alegre era a Praça Argentina, conhecida então como Portão da Vila. À época, vendedores vindos do interior em carretas aportavam para oferecer seus produtos na capital da Província, entre eles, criadores de reses para o abate. Por um pedido da Câmara de Vereadores, o governador da capitania, Paulo Gama, em 1807, destinou como local para abrigar o gado e seus vendedores a área conhecida como Campo da Várzea ou Várzea do Portão, compreendida entre o Portão e a atual avenida Venâncio

⁸ Mauss, 1993:34.

⁹ O Brique da Redenção é visitado por cerca de 30 mil pessoas em um Domingo de tempo bom (segundo estimativas da Brigada Militar), movimentada cerca de 20 mil dólares em vendas a cada domingo e conta com 329 expositores (conforme dados da Projeto Convívio, da SMIC).

Aires. Embora não haja semelhanças com o local da época, um extenso campo alagadiço, entrecortado por trilhas que se tornavam intransitáveis em tempos de chuva - ainda que sendo a mesma área onde encontra-se o Parque Farroupilha – hoje, o espaço condensa modos de vida coletiva do mesmo teor que antes: um lugar de comunhão de diferenças e de trocas sociais; uma sobreposição de diferentes formas de consumo cultural.

O Campo da Várzea foi utilizado, a seguir, para exercícios militares e pouso de tropas, sendo inclusive palco de lutas entre federalistas e imperialistas por ocasião da Revolução Farroupilha. Estendia-se sobre os terrenos em que se encontram hoje o Colégio Militar, o Instituto de Educação e as faculdades da Universidade Federal. Em 1870, com a construção da Igreja do Bonfim, o Campo da Várzea passou a ser oficialmente chamado de Campo do Bonfim.

“Há registros desta época, referindo-se ao batuque dos negros naquele local, transformando-o num teatro livre, lugar de manifestações populares como as que assistimos atualmente no brique da redenção”.¹⁰

O nome Campo da Redenção chega em 1884, uma homenagem à liberdade dos escravos da capital. Em 1901 cedia uma grande exposição agrícola. Exceto pelas mudanças no nome, a finalidade do campo mantinha-se a mesma: pastagem de animais, ponto de carreteiros e ciganos, local para secagem de couros ao sol e para abandono de animais mortos. A vizinhança do Campo da Redenção desenvolvia-se e as principais avenidas que o cercavam já apresentavam características semelhantes as que encontramos ainda nesses dias: local de comércio e algumas escassas residências. Em 1928, o intendente de Porto Alegre Otávio Rocha proíbe a pastagem de animais no Campo da Redenção. A capital da província preparava-se para uma exposição comemorativa ao Centenário da Revolução dos Farrapos. Na véspera da sua inauguração, em 19 de setembro de 1935, o Campo da Redenção é considerado parque e ganha o nome oficial de Parque Farroupilha. A partir daí, o local recebeu melhorias, como aterro, ajardinamento, fonte luminosa (vinda dos Estados Unidos para a exposição de 35), construção de espelho d'água e o monumento ao Expedicionário, principal acesso do parque, concluído em 1957. Possui um total de trinta e sete hectares e em 1997 foi tombado como patrimônio ambiental da cidade.

¹⁰ Tânia Aydos in Parque Farroupilha:crônicas (1998:40).

No enfoque desta monografia, destaco dois pontos de análise que permeiam-se. Em primeiro lugar, busco compreender como o estilo de vida e a visão de mundo das pessoas refletem no consumo cultural que elas realizam no Brique da Redenção. A partir do entendimento de cultura como um conjunto de bens carregados de múltiplos significados, analiso como os indivíduos, portadores de um código próprio de interpretação, formado cada qual a partir dessas experiências particulares de viver e encarar a vida, relacionam-se com outros grupos e interagem com eles.

Numa segunda análise, procuro demonstrar como a rua enquanto espaço de sociabilidade, coexiste entre o público e o privado, tornando-se por vezes, local de espetáculo. Ainda sob este prisma, exponho a presença da figura do *flanêur*¹¹ e a apropriação espacial que faz da rua, sem que esta personagem precise abandonar seu curso original: o anonimato.

Organizo essas reflexões em dois capítulos, que juntamente com o capítulo etnográfico, completam o texto. Esse capítulo de descrição etnográfica é apresentado em primeiro plano para facilitar a compreensão por parte do leitor das análises e correlações que seguem, servindo como referência prática aos demais capítulos.

Etnografia do Brique da Redenção: ritos de ocupação e identidade social

*“Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...”
O mapa, Mario Quintana*

O primeiro passo para compreendermos como se dão as trocas culturais no Brique da Redenção é conhecermos o nosso campo de estudo. Denominado Feira do Bonfim¹², o Brique é uma feira cultural, que funciona desde 1978, aos domingos, das 9 horas às 16 horas, nos canteiros centrais da avenida José Bonifácio, ocupando um total de 750 metros de extensão, localizada entre os bairros Santana, Bonfim e Cidade Baixa. É um local muito arborizado, além de fazer limite com o Parque Farroupilha. Há diversos casarões ainda preservados entre prédios modernos, e alguns estabelecimentos comerciais, como escola de dança, antiquário e restaurantes. Também nessa avenida localizam-se a Igreja Santa Teresinha, construída em estilo gótico, e o Colégio Militar de Porto Alegre, que sozinho abrange todo um quarteirão.

¹¹ Conforme Benjamin, 1989.

¹² O Brique está ligado ao Projeto Convívio da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio.

Rituais de ocupação

“Pego e saio lá pelas dez horas, vou até o Brique, passeio, vejo as antiguidades, depois parto pro artesanato. Sempre a gente encontra alguém. Pra comprar quase não compro nada. Então a gente olha o trabalho. Chego numa banca... A gente tem que valorizar o que elas estão fazendo ali, porque é bonito, desde uma flor até a tecelagem. Então partindo pro outro lado, tem a floricultura, aquela cachorrada medonha... Cachorro pra cá e pra lá. Aí páro um pouco. Compro um pacote de pipoca e começo a comer pipoca. Conversa com um, conversa com outro. Faço um lanche ou então vou ali no Prato Verde.” (Eunice, 72 anos, frequentadora do Brique)

Há um primeiro olhar, o Brique da Redenção parece ser uma feira homogênea, por onde as pessoas circulam sem distinção. Na realidade, ali estão agregados grupos sociais distintos que organizam-se de maneira a ocuparem lugares que proporcionem maior facilidade nas trocas e consumos que irão realizar. Estamos falando de diferentes espaços e suas respectivas formas de sociabilidade e determinados rituais de apropriação.

Em dias de chuva intensa a Feira do Bonfim não acontece. Mas, quando o chuveiro é pouco, sempre há os expositores que arriscam e certamente encontram algumas pessoas a visitar o Brique. No verão, a garoa que cai rapidamente chega a ser agradável para espantar o calor. Ainda assim, as senhoras mais idosas insistem no abrir e fechar das suas sombrinhas. Mas a maioria continua a caminhada em frente as banquinhas sem importar-se.

Normalmente, o fluxo de pessoas é enorme, tanto próximo às bancas como pelo meio da avenida. Os ciclistas que arriscam-se a pedalar pela rua, logo desistem. Uma criança correndo para longe dos pais sem rumo ordenado e estaria feito o estrago. Por isso, os ciclistas conduzem suas bicicletas pelo guidom, caminhando ao lado. Outros, mais preguiçosos, não descem do banco da bicicleta e insistem em empurra-las, centímetro por centímetro, com a ponta dos pés contra o asfalto. Em domingos especiais, como feriados ou durante os meses de janeiro e fevereiro (férias escolares no estado), é mais fácil circular pela Feira, já que muitos porto-alegrenses saem da cidade. Caminhando pela avenida, não há a tradicional multidão se acotovelando. Os expositores estão lá, os ambulantes também, mas o público é bem menor que o de costume.

Em domingos de muito calor, esse parece ser mais um motivo que leva as pessoas a saírem de suas casas para irem ao Brique da Redenção. Portanto, sinal de casa cheia para quem usa o espaço como um reduto de consumidores bem específicos. Um grupo de promotores da nova Coca-cola Light, formado por três lindas meninas e um rapaz, vinham caminhando entre a multidão que circulava pela avenida, e assim que descobertos foram "atacados" com pedidos. Todos queriam experimentar o já conhecido gosto do refrigerante mais vendido no mundo. Logo formou-se uma círculo em torno dos promotores e a aglomeração chamou a atenção de mais e mais pessoas.

Não há bebida no Brique com mais íbopo do que o chimarrão. O mate é companheiro de todos os tipos de frequentadores. Há os solitários, que carregam a cuia em uma das mãos e a térmica com água quente na outra, fácil para servir. Esses, sempre caminham distante das bancas expositoras ou estão sentados no meio-fio da avenida, sob alguma sombra nos dias mais quentes do ano.

Há também as famílias que literalmente acampam com suas cadeiras sob as árvores mais próximas da rua e lá ficam, naquele vai e vem gostoso da cuia e do papo, ignorando também as banquinhas de artesanato, mas não as pessoas que percorrem o caminho à sua frente. Um pai com nenê de colo preferiu segurar o filho e empurrar, dentro do carrinho do bebê, a garrafa térmica do chimarrão. E lá vão eles, mãe com a cuia, pai com o filho nos braços e térmica sobre rodinhas.

"O chimarrão é um hábito, uma coisa mais rua, campo, escrachado, lá sei eu. Eu nunca fui muito de tomar chimarrão, então desde o Brique eu não levo o chimarrão. Eu tomo, às vezes, quando alguém tem e oferece, mas lá é uma coisa assim: vai para o Brique, vai para a Redenção com o chimarrão." (Carla, 39 anos, frequentadora)

"É o lugar que tu mais vê tomando chimarrão. Mas é tudo que é idade. Uma coisa meio assim de cultivar uma tradição. Ali as pessoas não tem – entre aspas – vergonha de tomar chimarrão." (Josué Carlos, 53 anos, frequentador)

Ao meio-dia a avenida se repleta de pessoas a "trotar" para todos os lados. A não ser em dias tórridos daqueles verões amazônicos que Porto Alegre volta e meia nos prega (nesses, o asfalto chega a emanar calor), o tumulto ao meio dia é bem maior que o das horas anteriores. Há os que almoçam nos restaurantes naturais nas proximidades do Brique. Há os que disfarçam com um quibe ou um pastelzinho integral de ricota. Ou ainda os que sempre almoçam mais tarde aos domingos e ficam curtindo um pouco mais o sol ou a sombra, entre a roda de conhecidos e o chimarrão.

Na Igreja Santa Terezinha, que fica junto à avenida José Bonifácio, há missas de hora em hora nas manhãs de domingo. A cada término das celebrações, uma nova enxurrada de pessoas entra no fluxo da caminhada em frente às bancas de artesanato. Mas em seguida logo se dispersam e fica fácil caminhar num ritmo agradável novamente. Muitas senhoras idosas e bem vestidas, recém saídas da missa, que nos domingo de aglomeração na avenida não se aventuram a encarar a multidão, percorrem algumas das bancas na quadra em frente a Igreja. Ali há muitos expositores de artesanato, como pinturas em lenços e bordados em panos de prato.

Domingo é dia de futebol e quando tem grenal o Brique torna-se o local de um confronto amigável entre as maiores torcidas do Rio Grande. Avistam-se passeando pelo Brique inúmeros torcedores, desfilando as suas camisas vermelhas ou tricolores. Ouve-se as tradicionais piadinhas, já que um dos times tem a vantagem do empate para alcançar o título do campeonato estadual. No início da tarde, vê-se alguns expositores já desmontando suas tendas para ir acompanhar o jogo no estádio. O grenal muda também a rotina do Brique.

Olhando na direção do Monumento ao Expedicionário vê-se todo o largo à sua frente, onde diversas pessoas dispersam-se da aglomeração da rua. Os ciclistas encostam suas biciletas em um poste e sentam-se no meio fio da rua. Outros desportistas de final de semana aproveitam para expor-se ao sol do meio dia. Há os que, seja verão ou inverno, estão lá a bronzear-se. Bem próximo, é possível perceber a terra mexida no lugar em que antes havia uma das maiores árvores do Parque. Ela foi retirada de lá pois o temporal da última sexta-feira santa a havia derrubado. Era uma figueira enorme, que dava sombra para o carrinho da "pipoca da nona", como a senhora que vende se intitulou.

Bem próximo à avenida e ao parquinho de diversões há uma faixa extensa de árvores que cerra a sombra, tornando o lugar próprio para um descanso. Ali, frequentemente, várias famílias armam suas cadeiras voltadas para a rua ou em um semicírculo, para facilitar a passagem do chimarrão de mão em mão e a conversa poder ser ouvida por todos. Na maioria são casais. Eles ficam sentados sob a sombra por horas, olhando o movimento das pessoas em frente às bancas de artesanato. Nessa área do parque há muitos bancos de praça fixos ao chão. Neles geralmente estão sentadas pessoas com aparência mais simples. Essas pessoas descansam o tempo necessário e continuam a sua caminhada pela feira.

“Quando, em Porto Alegre, alguém senta na sarjeta para tomar chimarrão? As pessoas sentam no meio fio, quer dizer é raro alguém sentar no meio fio para conversar. Lá no Brique é comum.” (Frequentadora do Brique)

O Parque da Redenção é o lugar onde muitas pessoas trazem os seus animais para livrarem-se das paredes dos apartamentos. O Brique é, portanto, um desfile de cães de todas as raças, do pitbull ao chiwawa. Os cães e os seus donos são atores ímpares. Havia dois garotões, cada um com um cachorro da raça fila, enormes, presos pela guia. Onde passavam, um vazio abria-se em torno deles. Já os cães menores e bem peludos atraem as mãos das crianças soltas pelo parque. Um cachorro dálmata chamava a atenção entre as pessoas. Ele percebe um cocker peludo e marrom e por alguns instantes parecia que se presenciaria um legítimo "arranca rabo". Os cães arrastam os donos pela guia até conseguirem se aproximar um do outro. Eles se cheiram como num cumprimento, ora de amigos, ora de rivais. Às vezes, é o pretexto para o início de uma conversa entre os donos.

Sempre que se chega de carro, num domingo, nas imediações da rua José Bonifácio o motorista se desespera: onde estacionar? A quantidade de carros que se deslocam para lá é enorme, e as ruas ficam abarrotadas. Aqueles que não chegam antes das onze horas da manhã, têm que pagar por uma garagem ou pacientemente esperar por uma vaga em fila dupla. Assim o trânsito de um domingo, que deveria ser calmo, torna-se caótico.

“Estacionar é um saco. Às vezes tu deixa o mais perto no Colégio Militar, na Venâncio. E agora com essa questão dos azuisinhos tem que cuidar muito, porque até no Domingo eles estão guinchando. Então aí já começa o estresse. Roda carro, roda carro, roda carro. Aí nisso numa ruazinha estreita dá vaga e tu faz sinal que vai entrar. Aí vem um e gruda na tua bunda. Mas até que tu estaciona. Daí tu “ufa”! Já está quase na hora de tu pegar o carro e ir embora.”
(Lúcia, 40 anos)

O transtorno do estacionar é um dos ritos que faz com que o frequentador do Brique sintam-se ingressando numa nova atmosfera, numa nova realidade. O “corredor cultural” que se coloca à frente do visitante possui uma estrutura ritualística de ocupação, tal qual tantas outras cerimônias sociais que vivemos cotidianamente. Existem o que poderíamos chamar de ‘entradas oficiais’ no Brique; são as suas extremidades, tanto na avenida João Pessoa, como na avenida Oswaldo Aranha. Ao

ingressar naquele espaço, há o que é chamado de rito de separação com o que fica fora deste ambiente. É um outro tempo dado pela marca de um outro espaço. Ali está caracterizado um local de lazer e descontração e o que há em desacordo com essas características é mantido alheio. As pessoas ingressam na avenida José Bonifácio ainda com o andar que trazem consigo, no seu próprio ritmo. Aos poucos elas tornam-se parte da massa que caminha num outro ritmo, um ritmo coletivo. Essa é uma fase liminar, em que o visitante do Brique ainda não está completamente inserido no novo espaço. Para isso, há o rito de agregação, onde essa metamorfose comportamental acontece. Entre os diferentes segmentos que dividem o Brique da Redenção, há cada uma dessas fases, em que as pessoas adaptam-se e readaptam-se conforme o que encontram a sua volta, isto é, são as instâncias ritualísticas de caminhada no Brique.

Tempos ordinários e extraordinários

Por ser um espaço que condensa a população da cidade, o Brique da Redenção é o local escolhido em diversas ocasiões especiais, para o lançamento de campanha sociais ou políticas, comemorações, como o aniversário da cidade, shows musicais, manifestações sociais, como o dia da Parada Livre¹³, ou ainda como local de reivindicações salariais de categorias, principalmente os professores.

“No passado, apresentou aquele, o conjunto Lima, a Família Lima. Foi maravilhoso, aquilo foi lindo, lindo, lindo... Eu acho que a gente chega ali, sempre tem música, tem um barulho qualquer, tu vai lá olhar, te interessa por ver. No Domingo é ali que acontecem as coisas.” (Eunice, 72 anos, frequentadora do Brique)

O aniversário do Brique da Redenção é um acontecimento que já há alguns anos faz parte das comemorações da semana do aniversário de Porto Alegre, organizado pela Prefeitura. No último comemorado, uma programação intensa foi seguida durante a manhã. Logo após a cantoria do "parabéns", centenas de balões verdes foram distribuídos entre os frequentadores. Os balões estavam cheios com gás, o que fazia com que ficassem sempre erguidos e assim, formavam uma paisagem diferente e festiva pela avenida José Bonifácio. Neles a inscrição "Parabéns, Brique" traduzia o sentimento

¹³ A Parada Livre é organizada pelo grupo pela livre orientação sexual, Nuances, e envolve o desfile de drag queens. Em 1999, a Parada Livre ocorreu no dia 4 de julho, com atividades paralelas ao Brique durante todo o dia.

das pessoas que os carregavam. Três grandes tendas de lona estavam montadas ao lado do Monumento ao Expedicionário. Ali aconteceram durante a tarde diversas atividades de recreação para as crianças, como teatro de bonecos e pintura.

Ao lado das tendas, chamava a atenção uma exposição de fotografias. O Sindicato dos Professores de Escolas Particulares (SINPRO) estava iniciando a campanha salarial 99 e, como forma de sensibilizar a população, retratou as maiores obras de reformas e construções de prédios em várias instituições particulares do estado. Junto dos expositores de fotos havia sempre uma pessoa responsável em explicar aos curiosos do que se tratava. A feira é um espaço cultural que extrapola as características específicas do Brique. Acontecem com frequência campanhas de saúde, ecológicas, políticas e salariais. Por exemplo, durante a greve de 1998 das universidades públicas federais, em alguns domingos eram realizadas atividades de mobilização da comunidade acadêmica junto à sociedade, no Brique. Também em tempos de eleição, ocorrem verdadeiros “embates” entre os partidos políticos, proporcionando um festival de pessoas vestindo camisetas e portando bandeiras, envolvendo a feira em cores e movimento. É nessa época que pode-se encontrar muitos políticos “passeando” pelo Brique, estabelecendo contato com o eleitorado. A hegemonia, no entanto, durante o ano, é dos partidos de esquerda, que utilizam o Brique como ponto permanente de divulgação de idéias, venda de *suveniers* e encontro de partidários e simpatizantes. A população de Porto Alegre nunca viu tão claramente o que é bi-polarização como nas últimas eleições para o Governo do Estado. A cada domingo era travada uma verdadeira batalha eleitoral no Brique da Redenção entre os militantes dos partidos concorrentes no segundo turno. Agora, mais de seis meses depois, somente umas poucas banquinhas, em geral de partidos de esquerda, ocupavam seus lugares embaixo das sombras próximas ao Largo do Expedicionário. Ali eram vendidos broches dos partidos, adesivos para carros, camisetas, livros. Mas não é o comércio a razão das banquinhas dos partidos de esquerda ali. Elas são como um ponto de encontro para os militantes que chegam na feira. A deputada estadual Jussara Cony, do PC do B, é frequentadora assídua da feira, Lá, abre uma cadeira e senta-se também sob as sombras, e com isso, forma-se em torno dela vários outros grupos de pessoas conhecidas sua.

Consumo não-formal¹⁴

A Feira do Bonfim agrega quatro segmentos distintos em caráter: antiguidades, artenapraça, artesanato e alimentos caseiros. A parte de antiguidades figura entre as avenidas João Pessoa e Santana e traz exposição de antiguidades para venda – móveis, porcelanas, cristais, pratarias, jóias, relógios, telefones, gramofones, etc. -, assim como coleções de moedas, cédulas, selos, discos, revistas e livros. É a parte mais antiga da feira e também a que deu origem à denominação popular “Brique da Redenção”. A instituição desse “mercado de antiguidades” se deu em 19 de março de 1978, pelo decreto municipal 6295, de 20 do mesmo mês e ano, como parte dos festejos da semana de Porto Alegre. Havia então 24 expositores. Hoje atuam 70 expositores nesse segmento.

“A minha mãe vê mesmo as bancas de artesanato, os outros ela mais espia, porque ali são mais colecionadores de discos, moedas, selos. Ela gosta de ver os utensílios antigos porque lembra a vida dela. ‘Ah... Lá em casa nós tínhamos um vaso daqueles’. Daí eu até curto ir com ela quanto ela vai me mostrar um pouco da vida dela antiga. Vestido, chapéu. ‘Ai, nós safamos no centro com um chapéu como aquele ali que a mulher está usando’ ”. (Jussalva, 41 anos, frequentadora do Brique)

O segmento seguinte da feira é o Artenapraça e ocupa parte do quarteirão adiante. É onde estão expostas para venda obras de artistas plásticos locais, que trabalham com diferentes técnicas: pinturas sobre tela ou eucatex, trabalhadas a óleo, tinta acrílica, aquarela, xilogravura. Os motivos vão do clássico às formas abstratas. Há artistas que pintam retratos por encomenda e ainda caricaturistas. Os escultores trabalham em pedra sabão, terracota, madeira e metais, como o bronze. A maioria dos artistas tem seu próprio atelier, onde frequentemente ensina arte, e expõe também em galerias. Entretanto esses artistas valorizam o Brique como uma maneira diferente de expôr suas obras. Eles informam aos visitantes sobre a arte que executam e esses podem, em algumas oportunidades, vê-los trabalhar, como é o caso dos caricaturistas.

“Cada Domingo é diferente do outro. Aqui vemos de tudo, até homem que come vidro. Para mim é antes de tudo um trabalho. Eu prefiro não expôr em galerias e vender direto aqui no Brique. Já fazem dez anos que não tenho mais atravessadores negociando a minha arte. Eu cobro menos mas me sinto mais valorizado.”

(Arturo, 41 anos, artista plástico, expositor)

¹⁴ O Novíssimo Dicionário de Economia, de Paulo Sandroni, classifica o consumo em três tipos: consumo formal, não-formal e informal.

A terceira parte da feira estende-se até a avenida Osvaldo Aranha e abriga o artesanato. Aparecem trabalhos dos mais diferentes materiais: couro, tecido, prata, madeira, palha, vidro, papel, linhas e lãs, cera, barro, resina, cortiça, porcelana, etc. A Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, que realiza a seleção e fiscalização das bancas expositoras, considera artesanal toda a peça executada manualmente, não sendo permitido qualquer outro processo na execução do produto, como por exemplo a costura de um tecido à máquina. Além disso, é sempre o próprio artesão que deverá estar expondo na feira de domingo. Daí a exigência para receber a licença de expositor, que o artesão realize o trabalho na SMIC, sob observação. Ainda nesse segmento de artesanato há o espaço reservado aos indígenas, que expõem e vendem objetos como cestas e balaios, feitos de um cipó especial e taquara. Eles pertencem às tribos guarani e caingangue, provenientes em sua maioria de cidades do norte do estado. Esses índios formavam um grupo que expunha paralelamente ao Brique, mais tarde, em 1994, sendo incorporados à feira, formando um grupo de 29 expositores.

“A maior parte dos que vendem aqui, no Domingo, também ficam na Rua da Praia durante a semana. Mas o Brique é melhor porque vende mais e também porque é um trabalho que é um lazer.” (Fernando (Djorfei, nome indígena), caingangue, 26 anos, expositor)

Os segmentos artesanato e artesanato foram criados pelo Decreto 8193, de 20 de março de 1983. Hoje expõem nesses espaços 40 artistas plásticos e 209 artesãos.

Quanto ao segmento Alimentos Caseiros, foi instuído em 1989 e tem como objetivo oferecer aos visitantes alimentos naturais. Há 10 produtores que atuam nesse espaço.

A grande maioria dos expositores/vendedores compartilham da opinião de que o Brique é um espaço especial de comercialização. Aqueles que experimentam a experiência de trabalhar em espaços formais de consumo (como lojas ou galerias), parecem mais satisfeitos ainda com tudo o que vivenciam aos domingos durante há feira. A troca mútua entre frequentador e expositor faz esses participarem da troca cultural simbólica que acontece nessa relação. O produtor é, ao mesmo tempo, um consumidor simbólico.

Para esses quatro espaços há regulamentos (Instruções) criadas pelos próprios expositores, já que o Brique é administrado por uma Comissão Deliberativa, formada entre eles, e fiscalizadas pela SMIC, que observa normas como o porte de crachá de

expositor, o cumprimento ao horário de montagem das bancas e a proibição de negociar o espaço de sua banca. Quando o expositor chega pela manhã, assina inclusive uma lista de presença daquele dia. A respeito da seleção¹⁵ para uma vaga de expositor, todos são unânimes ao comentarem a dificuldade e a seriedade do processo.

“Eu já me candidatei a uma vaga, mas como é difícil conseguir e temos que esperar até alguns anos, divido o espaço com essa banca de brechó. Os chapéus sou eu que faço, não são usados, mas permitiram porque tem relação com a venda de roupas antigas.” (Inês, 29 anos, artesã)

Consumo Informal

O Brique também é um espaço onde se concentram vendedores ambulantes de brinquedos simples – como balões de gás ou instrumento de fazer bolhas de sabão -, de loterias e vendedores de pipoca, algodão doce, casquinha ou maçã do amor. Esse é um mercado informal de economia que também ocorre no Brique, paralelo ao mercado não-formal da feira.

Sempre há, no mínimo, uma roda de capoeira acontecendo no Brique. Quando os “jogadores” estão em maior número, cada roda respeita o espaço necessário entre uma e outra para que o som da cantoria que embala o jogo não se misture, ainda que o ritmo das palmas dos espectadores seja o mesmo. E as mesmas pessoas que ficam olhando o gingado na roda próxima ao parquinho de diversões por minutos a fio, caminham alguns metros e logo param na seguinte, em frente às floriculturas. E assim vão, como se não conseguissem evitar a sedução do som manhoso do berimbau. No dia mundial da consciência negra, uma roda de capoeira especial aconteceu: é um grupo de capoeira, que num círculo demonstra o jogo africano. Entretanto são somente mulheres de uma escola de capoeira que estão jogando, o que chama ainda mais curiosos para olharem. O canto que acompanha o berimbau, tem dizeres sobre a brasilidade do capoeirista, sempre com um refrão que é repetido por todos na roda. Dezenas de pessoas param ao redor para acompanhar com palmas as evoluções e golpes.

Os artistas de rua que vão ao Brique se espalham pela avenida para mostrar-se ao público. Separados por uma distância razoável, eles aglomeram em torno de si as pessoas que passam e são atraídas pelo trabalho. Seja o cantador da folha, seja o homem pintado que se finge de boneco com movimentos mecânicos, a rua se transforma em um palco a cada passo.

¹⁵ Para uma vaga em um dos segmentos, concorreram recentemente 134 candidatos.

“Às vezes tu tá passando e tem uma banca que tem umas vinte pessoas em volta. Tu pensa o que está acontecendo. Deve ser alguma coisa nova, Daí tu vê. Ah! É aquilo, o mesmo... Simplesmente as 20 pessoas resolveram parar.” (Gérson, 40 anos, frequentador do Brique)

Um círculo de pessoas é um convite a parar a caminhada. Há tanta gente olhando que fica difícil à distância ver qual é o espetáculo. Com um jogo de corpo entre as pessoas consegue-se chegar bem próximo do artista. É um pintor que faz aerografias, uma técnica que utiliza sprays de cores de diferentes sobrepostas para formar imagens. O artista usa uma máscara devido à toxicidade da tinta e as pessoas se afastam um pouco pois o vento ajuda a espalhar o forte cheiro pela roda. Os comentários entre os curiosos são inevitáveis a cada nova forma que surge. Um golfinho, um luar sobre o oceano, o sistema solar. Ao terminar, o pintor diz que é chileno e que aquele é o último final de semana que fica no Brique. Cada tela custa vinte reais e uma senhora leva a que ele acabou de fazer. No domingo seguinte, lá está o artista de novo.

Experiências como essa foram vividas por mim a cada domingos. Uma delas, parte do meu diário de campo, transcervo para auxiliar na descrição destes espetáculos de rua. “Dois homens sem camisa e com os músculos do peito bem definidos se aproximam de um grupo de jovens que conversam sentados sobre as suas bicicletas. Há algumas outras pessoas sentadas no meio-fio. O mais magro, chamado de tripa seca, é o ajudante. Ele coloca os materiais sobre o asfalto quente. É possível adivinhar que espetáculo se arma ali. Uma lata de tiner, algumas facas e uns bastões. O homem mais bronzeado começa a falar em voz bem alta e se voltando para todos que estão ao seu redor e aos que simplesmente passam caminhando. Ele é baiano e tem 23 anos. Treina malabarismos com facas e bastões há 18 anos e diz que é disso que vive. Em seguida começa o seu show, em que atea fogo a quatro bastões e joga-os alternadamente ao ar, sem deixa-los cair. Com medo, algumas pessoas se afastam e puxam os seus filhos para que não fiquem próximos. O rapaz tem uma grande cicatriz no abdômen e faz imaginar como teria sido o acidente. Ele faz o mesmo com facas afiadas, dá piruetas mortais e ao final de cada número pede palmas de quem gostou. Só então diz que precisa da colaboração das pessoas que estão ali para que possa comer mais tarde. Começa a parte constrangedora do espetáculo de rua. Muitos olham para o chão, não vão até o boné colocar uma moeda e o rapaz diz que é bom que todos se cuidem pois numa roda como está formada em torno dele, há vários malandros, prontos para roubar carteiras, algo que ele optou por não fazer. Depois disso, ele passa com o boné na frente de cada um,

conseguindo mais alguns trocados. No último número o baiano malabarista equilibra a ponta de uma faca sobre a testa. Aplausos e lá vai ele, alguns metros adiante na avenida para repetir o seu show.”

“É incrível o que as pessoas criam para estar no Brique, inovam. Tem um cara que criou um teatro que é desse tamanho. Uma caixinha preta. Ele faz um teatro de marionetes, que é desse tamanho, para crianças. Então tu pagas um real. Daí tem uma fita que tu ouve com a história e ele muda os cenários. Eu acho incrível essas coisas que inventam. Às vezes tu vê um ambulante vendendo uns fantoches bonitos. Uma criatividade...” (Karina, 22 anos, frequentadora do Brique)

Para qualquer empresa, artista ou movimento político que queira divulgar seu trabalho, o Brique é o local ideal aos domingos. Dias de grande movimento são sucesso garantido. Qualquer freqüentador não passa dez minutos caminhando entre as bancas de artesanato ou antigüidades sem que receba no mínimo um folheto de propaganda. Seja de um curso com Lauro Trevisan, seja da promoção da nova pizzaria e churrascaria Dom Carlos. Ninguém escapa. Na calçada do parque, há também as bancas de partidos políticos e outras entidades. Ali estão PV, PT, PMDB, PDT, a banquinha do Rotary e da Gnose. Todos munidos de seus panfletos cheios de ideários.

“Um dia que eu vou no Brique – nem sei que dia é – é a questão do dia gay. Então tem a passeata dos gays, eles fazem show. Eu acho superbacana isso. E as pessoas aproveitam aquele espaço porque poucas pessoas estariam numa luta pelos gays, mas todos estão ali para assistir o show e rir, debochar ou apoiar. Eu acho que aquele espaço oportuniza isso. Oportuniza às pessoas que nunca iriam ver ou não têm ideia do que é *um drag-queen* ou coisa assim, e lá estão vendo.” (Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique)

Há mais de um ano, as floriculturas do mercado do Bonfim estão à espera da conclusão da reforma do lugar pela Prefeitura. Por isso, ficam instaladas em tendas na margem da Redenção próxima à José Bonifácio. Mais uma atração aos freqüentadores do Brique.

O comércio de animais de estimação no Brique da Redenção está proibido desde o ano passado. Essa atividade começou a acontecer voluntariamente por parte dos donos dos bichinhos. A opinião dos freqüentadores sobre o assunto era dividida. Alguns aprovavam e alegavam que muitas pessoas visitavam o Brique para ver os animais.

Outros questionavam as condições a que os donos expunham os bichos. Ainda que proibido, algumas pessoas continuam a trazer seus filhotes para vender ou doar no Brique.

Consumo cultural, estilo de vida e visão de mundo: A relação cultura – economia – sociedade.

A compreensão da sociedade contemporânea, ou de pelo menos parte dela, como configura-se o Brique da Redenção, passa necessariamente pelo estudo do consumo e de seus princípios de estruturação. Os bens e sua carga simbólica, numa dimensão cultural da economia, são mais que utilidades; são comunicadores (Featherstone, 1995). Por isso, também enxergar os fenômenos de consumo cultural que acontece no Brique como um fenômeno comunicacional.

A produção sempre o foi o foco principal dos estudos sobre o mercado. Vemos a sociedade pular de onda em onda¹⁶, mas só mais recentemente, por meados do século XX, o consumo adquire o espaço que lhe é de direito na compreensão da relação homens-bens. Os membros da Escola de Frankfurt lançam a teoria da indústria cultural, que desloca o olhar da produção para o consumo, e mais especialmente para a cultura do consumo. Essa idéia contrapõe a crença de que o consumo deriva conseqüentemente da produção, mas que é, isto sim, uma questão proeminente. E assim como há uma “lógica do capital”, Featherstone (1995) mostra-nos que também pode-se falar de uma “lógica do consumo”, ou seja, os modos socialmente estruturados de usar bens para demarcar relações sociais.

Posteriormente a isso, a sociedade ocidental passa a submergir em uma oferta excessiva de bens simbólicos, enraizados junto aos consumidores pela mídia, publicidade, cinema de Hollywood, etc. São criadas imagens que passam a ter efeitos formadores de identidade e de práticas cotidianas. O consumo pode ser uma simples apropriação e o bem, tão abstrato quanto um simples gesto. É preciso estar atento às formas como um bem pode entrar e sair da condição de mercadoria. Featherstone exemplifica, citando Leiss (1978:19):

“Comida e bebida, em geral, são mercadorias de vida curta, mas nem sempre: uma garrafa de vinho do Porto de boa safra, por exemplo, pode gozar de prestígio e exclusividade; isso significa que ela nunca será consumida de fato (isto é, aberta e bebida), embora possa ser consumida simbolicamente de muitas maneiras (contemplada, desejada, comentada,

¹⁶ Termo usado por Alvin Tofler (1980) para referir-se às etapas de desenvolvimento da economia humana (as revoluções agrícola, industrial e da informação).

fotografada ou manipulada) que porporcionam uma grande dose de satisfação.”

E ele conclui:

“É nesse sentido que podemos designar o aspecto ‘duplamente’ simbólico das mercadorias nas sociedades ocidentais contemporâneas: o simbolismo não se evidencia apenas no *design* e no imaginário embutido nos processos de produção de marketing; as associações simbólicas das mercadorias podem ser utilizadas e renegociadas para enfatizar diferenças de estilo de vida, demarcando as relações sociais.”¹⁷

Para o dia a dia, podemos adaptar a explicação do autor em situações as mais diversas. Muitas vezes inconscientemente, classificamos socialmente uma pessoa pela roupa que veste, o que quer dizer que estamos traduzindo os símbolos camuflados naquelas vestes, conforme um código por nós apropriado. Da mesma forma, quando optamos por consumir alimentos produzidos sem agrotóxicos, não está em foco somente o bem estar físico. Alí há embutida uma maneira de encarar o mundo e a determinação de assumir esse papel ecológico frente à sociedade e, mais do que isso, explicitá-lo. Baudrillard fala-nos da mercadoria-signo. Para ele, há um movimento em direção à produção de massa de mercadorias que suprime o valor original e “natural” dos bens frente ao predomínio do valor de troca¹⁸. Dessa forma, o consumo não deve ser considerado primordialmente como um consumo de valores, mas um consumo de signos – no sentido de Saussure, onde o significado é determinado arbitrariamente por um sistema de significantes.

A partir disso é possível dizermos que o Brique da Redenção é uma passarela de signos e símbolos consumíveis conscientemente ou não. Estar imerso nesses códigos representa de uma só vez, portar e consumir os bens simbólicos que transformam a feira em uma vitrine de significados. Assim, o hábito de tomar chimarrão é compartilhado pela maioria dos frequentadores. O tradicionalismo torna-se um bem consumido por essas pessoas. Também o ritmo da capoeira, que atrai os passantes a sua volta, ganha uma dimensão simbólica e faz com que a cultura negra seja consumida pelos espectadores do jogo. Por vezes, nada é consumido, além do simples ‘estar imerso na multidão’, além do simples ‘flanar’.

“Me lembro que quando eu comecei a ir era tudo novidade. Me chamava a atenção o artesanato, quadros, aqueles artistas ali. Tinham poucas bancas, não eram tantas, isso eu me lembro. Talvez, metade. (...) Então, hoje, quando eu vou, mal passo nas bancas, não vejo as bancas,

¹⁷ Featherstone, 1995:35.

¹⁸ Featherstone, 1995:121.

muito difícil. Eu faço o trajeto bem fora das bancas, mais pela rua, pelo meio da rua.” (Jussalva, 45 anos, frequentadora do Brique)

“Eu mal passo nas bancas, não vejo as bancas, muito difícil. Eu faço o trajeto bem fora das bancas, mais pela rua, pelo meio da rua. Eu sempre estaciono perto da Santa Terezinha. Já começo ali da metade. A parte antiga, que tem o brique antigo, ali então eu nem... poucas vezes eu vou para aquele lado.” (Gládis Maria, 37 anos, frequentadora do Brique)

Como local de consumo, as feiras por muito tempo desempenharam um duplo papel como mercados locais e espaços de diversão (Featherstone, 1995). São mais que um local de troca de mercadorias; historicamente, foram espaços de exposição de objetos exóticos trazidos de diversas partes do mundo, sempre envoltos numa atmosfera festiva.

“Da mesma forma que a experiência da cidade, as feiras proporcionavam um inagrável espetáculo, justaposições bizarras, confusões de fronteiras e um mergulho numa *melée* de sons estranhos, gestos, imagens, pessoas, animais e coisas. Para essas pessoas, especialmente nas classes médias, (...) esses lugares de desordem cultural, como as feiras, a cidade, o cortiço e a praia, tornam-se fontes de fascínio, desejo e nostalgia (Mercer, 1983; Shields, 1990).”¹⁹

A respeito dessa discussão, Stallybrass e White²⁰ também referem-se ao papel duplo das feiras: a um primeiro olhar, um espaço aberto onde acontecem exposições e trocas e negócios entre um mercado local e até exterior; num segundo olhar, as feiras são espaços de prazer, lazer e festas, desconectadas do mundo real, onde a tradição e o novo se interseccionam em diferentes culturas, lado a lado com um torrente de signos estranhos, performances que estimulam o desejo e a perturbação, algo que provocava uma espécie de ‘vertigem social’, onde o burguês delicia-se com ‘a cor, o movimento, a forma, a visão e os sons’ de maravilhas provenientes de todas as partes do mundo.

“(As feiras) Eram espaços de ‘hibridização’, como designa Bakhtin, que confrontavam o exótico e o familiar, os habitantes da aldeia e os da cidade, o profissional que executa e o burguês que observa.”²¹

¹⁹ Featherstone, 1995:43.

²⁰ No livro *Politics and poetics of transgression* (1986) – conforme Featherstone, 1995:113 – os autores “discutem a natureza relacional dos carnavais, festivais e feiras, vistos como inversões ou transgressões simbólicas nas quais as distinções superior/inferior, erudito/popular, clássico/grotesco são mutuamente construídas e deformadas”.

²¹ Featherstone, 1995:114.

Portanto, as feiras sempre foram espaços de uma desordem ordenada, que reelaboram elementos da tradição carnavalesca, como espetáculos prodigiosos e imagens exóticas. O Brique da Redenção não foge a essas características. A avenida é tomada durante todo o domingo por inúmeros artistas populares de rua. Muitos deles, tem essa como a única fonte de renda, e apresentam-se durante a semana na Rua da Praia (Rua dos Andradas) ponto de maior circulação de pessoas no centro de Porto Alegre. É possível apreciar desde a música tirada com a boca de uma folha de árvore, acompanhada pelo violão do Zé da folha, até a coragem do homem que caminha sobre pedaços de vidro e quebra lâmpadas com os dentes. As reações do público são diversas: alguns deliciam-se; outros repugnam-se. O que irá determinar o comportamento das pessoas é o que chamamos de estilo de vida e visão de mundo, ou seja, a maneira como apreendem a ‘floresta de símbolos’ que há ao seu redor.

As mercadorias encaradas sob o aspecto simbólico, são elementos formadores e determinantes do estilo de vida. Bourdieu (1984), citado no estudo de Featherstone, revela que ‘o gosto classifica, e classifica o classificador’. Com isso, as preferências de consumo e estilo de vida estão associadas a classes específicas – e frações dessas classes - e definem o *status* social, passível de ser classificado pelos outros. Há, assim, “conjuntos relativamente estáveis de disposições e princípios classificatórios”, - os *habitus* – que funcionam socialmente para identificar e estabelecer fronteiras entre os grupos.²² A importância do *habitus* é estudada desde Aristóteles, pois remete à vida de todos os dias, ao banal ou, em uma única palavra, ao costume. É essa uma das maneiras mais eficazes de caracterizar os grupos contemporâneos. Maffesoli (1987) fala do *habitus* como “um código genético”, capaz de limitar e delimitar a maneira de estar com outros, muito mais do que poderia fazê-lo a situação econômica ou política.²³ No entanto, nas últimas décadas percebemos uma oferta excessiva de bens simbólicos e pressões que podem contribuir para a distorção do *habitus*, e assim acabar por reduzir a importância do gosto e do estilo de vida, especialmente nos jovens e na classe média. Classe média, aliás, fascinada pelo grotesco, pelo excluído. Fato explicado por Stallybrass e White²⁴ como um desejo paralelo em contraposição ao que se quer ser.

²² Featherstone, 1995:39.

²³ Maffesoli, 1987:31.

²⁴ Conforme Featherstone, 1995:116.

“De fato, para se construir uma identidade, para se saber quem você é, primeiro é preciso saber quem você não é; e o material excluído ou confinado à margem pode continuar a exercer o fascínio e sedução, estimulando desejos”.²⁵

O Brique da Redenção é comumente chamado de o lugar onde pode-se encontrar o autêntico porto-alegrense. Em uma notícia veiculada no jornal Correio do Povo, o Prefeito da Cidade, Raul Pont, em visita à feira, dá um depoimento:

“O Brique é uma síntese de Porto Alegre, semelhantes às feiras que acontecem em Barcelona e Buenos Aires.”²⁶

Essa simbiose de tipos faz com que em um mesmo espaço apareçam tipos sociais diferentes, com *habitus* diferentes, mas com o desejo de consumir e apropriar-se de um mesmo estilo de vida.

“Eu, por exemplo, tenho dois sobrinhos. Eles não vão no Brique, mas porque o meu irmão e a minha cunhada não tem a cultura, o hábito de ir ao Brique. Nem eu, quando eles eram pequenos, pegava para levar ao Brique, porque é muita responsabilidade. Mas até acho que deveria Ter levado pelo menos quando eles eram pequenos para conhecerem.”
(Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique)

O depoimento de uma porto-alegrense declarou não gostar e nem tampouco caminhar pelo Brique da Redenção clarifica a imagem do típico ator social que frequenta a feira.

“Domingo eu não fui o Brique, mas eu estava vindo de carro na Santana (rua próxima da feira). Estava vendo desde onde as pessoas vem caminhando. Tem uma postura que a pessoa vem que tu sabes que é para o Brique. É a roupa, o abrigo, o chimarrão na mão, o cachorrinho na coleira, aquelas coisas. O passo, não é um passo caminhando é passo já tipo cooper. O pessoal já faz cooper desde casa. Aquela coisa cheia de vida, oxigênio, bem feliz. É uma coisa diferente. Pode ver que tu notas direitinho. Eu sabia direitinho quem estava indo para o Brique.”
(Carmen, 39 anos)

No Brique estão a venda produtos naturais, artesanais, antiguidades e artes, como já foi exposto anteriormente. São produtos especiais, no sentido de trazerem em si uma carga afetiva muito grande, seja pela maneira de sua produção/confecção ou pela história que representa. A partir disso, podemos compreender que os frequentadores atraídos para o Brique da Redenção, seja com o intuito de consumo real ou não, identificam-se com o que ali está exposto e com as pessoas que dividem aquele espaço de sociabilidade.

²⁵ Featherstone, 1995:117.

²⁶ Correio do Povo, 03/05/99, p.5.

Por ser um ponto de convergência de tipos em Porto Alegre (inclusive como já foi descrito aqui historicamente), o Parque Farroupilha atrai todos os tipos sociais da cidade. Assim, a atmosfera do Brique da Redenção agrega os estilos de vida dessas pessoas, em especial dos bairros Cidade Baixa e Bonfim – ambos são carregados de simbolismos culturais. Maffesoli (1987) fala dos espaços que possuem conotação afetiva e refere-se a eles como “bairros”.

“Esse ‘bairro’ pode assumir matizes bem diversos. (...) Na verdade trata-se de um espaço público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é, entretanto, constituído pelo entrecruzamento de situações de momentos, de espaços e da gente comum, e por outro lado, no mais das vezes, ele é falado através de esteriótipos mais banais. A *square*, a rua, a tabacaria da esquina, o jornaleiro, etc. (...) E é de propósito que emprego este termo (bairro), na medida em que ele traduz muito bem o movimento complexo da atmosfera que emana dos lugares, das atividades, e que lhe confere em retorno, uma coloração e um odor particulares.”

O conhecimento do valor cultural e social que um bem denota é transmitido, e por vezes determinado, conforme o conceito de Bourdieu, pelos “novos intermediários culturais, que atuam na mídia, *design*, moda, publicidade e outras ocupações ‘paraintelectuais’ de informação, cujas atividades profissionais envolvem o desempenho de serviços e a produção, comercialização e divulgação de bens simbólicos” (Featherstone, 1995: 38). Embora predispostos à disseminação do estilo de vida dos artistas, os intermediários culturais buscam alimentar e expandir uma série de estilos disponíveis aos consumidores, estilos que não exigem coerência interna e nem singularidade.

Esses intermediários culturais visam “incrementar a valorização social do conhecimento intelectual, dos bens simbólicos e do capital cultural em contraposição ao capital econômico” (Gouldner, 1979 cf. Featherstone, 1995 p. 69). Bourdieu (1984 cf. featherstone, 1995, p.70) fala dos novos intermediários culturais como “novos intelectuais”, pessoas que tomam uma postura de aprendizes perante a vida – alguém que deseja ser mais do que é - e que são fascinadas com a identidade, a apresentação, a aparência, o estilo de vida e a busca incessante de novas experiências.

“Eles promovem e transmitem o estilo de vida dos intelectuais a um público mais amplo e se aliam aos intelectuais para converter temas como esporte, moda, música popular e cultura popular em campos legítimos de análise intelectual.”²⁷

²⁷ Featherstone, 1995:71.

Conforme Featherstone, a expressão “estilo de vida”, sob o enfoque da cultura de consumo, contempla a individualidade, a auto-expressão e uma consciência de si estilizada.

“O corpo, as roupas, o discurso, os entretenimentos de lazer, as preferências de comida e bebida, a casa, o carro, a opção de férias, etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor.”²⁸

Ainda que baseado nessa definição de que o estilo de vida ‘classifica o classificador’, Featherstone lança um olhar sobre o que chama de cultura de representação, onde a proliferação de imagens e informações não são “estabilizadas de maneira definitiva, nem hierarquizadas em um sistema correlacionado com divisões sociais fixas”. Assim, ele conclui que o estilo de vida não é nem um produto totalmente manipulado pela sociedade de massas (a um extremo), nem tampouco um aspecto social lúdico e autônomo, além da determinação (a outro extremo).

A rua como espetáculo: o espaço público em tensão com o espaço privado

“Com a ajuda de uma palavra que escuto ao passar, refaço toda uma conversa, toda uma vida; basta-me o tom de uma voz para ligar o nome de um pecado capítla ao homem com quem acabo de cruzar e cujo perfil entrevi.”

Victor Fournel, *Ce qu'on voit dans les rues de Paris*, Paris, 1858, p.270. Cf. Benjamin, 1989.

“Eu vou às vezes ao Brique para ficar observando, até porque como eu não fico vendo muito as bancas, eu sento num banco, às vezes. Fico vendo essas pessoas passarem. Eu gosto de pensar o que essas pessoas estão falando, de acordo com a cara. Eu começo a tirar sarro, quando eu estou com vontade, né? Domingo, para eu estar inspirada de manhã, não estar com sono...”

Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique da Redenção.

Retrocedendo no tempo, veremos que na segunda metade do século XIX, os vilarejos tornam-se centros urbanos desenvolvidos pelo comércio e pela promissora industrialização, configurando-se em cidades. Novas concepções, novas técnicas e trabalhadores especializados resultaram em mudanças na produção do espaço urbano

²⁸ Featherstone, 1995:119.

que era construído. Com isso, o papel das ruas, presentes desde muito na história da humanidade, sofre uma adequação às idéias burguesas que passam a preponderar à época. Os novos beneficiários do sistema, a burguesia ascendente, ditam uma sociedade mais agitada, e portanto uma figuração urbana nesse mesmo sentido. A ordem é suplantar o modelo antigo e difundir o máximo possível as imagens da sociedade substituta, ainda que distante da verdade social. O mundo é agora capitalista e esta transformação é percebida em todos os campos, econômico-sociais e políticos. O cenário deve se moldar – com a construção de calçadas alinhadas, implantação de iluminação pública e esgotos - para que os principais atores desempenhem a performance desejada.

Pesavento (1992) nos fala do surgimento de uma nova ordem urbano-industrial como algo que reinverteu a relação campo-cidade e colocou a urbe como o "lugar onde as coisas acontecem", trazendo à cena novos atores sociais, portadores de novas práticas e idéias. "Não mais elemento de separação entre as casas, a rua se define agora como espaço público, por oposição ao espaço privado", 1992:9. As ruas têm utilizações muito mais variadas, não só destinadas à circulação de pessoas e veículos, mas também servindo de caminho para enterros solenes, percurso de carnaval, desfiles ou palco das trocas cotidianas da população. "A rua é um local de passagem, sem dúvida, mas também de encontro e de troca. É um espaço de prazer e uma vitrine imensa e viva, que se contrapõe aos objetos imóveis das vitrines das lojas."²⁹

Portanto, a rua assume um papel de palco dos acontecimentos. Nesse sentido, podemos focar o Brique da Redenção (antes de tudo, um rua) como um espaço público que assume formas de sociabilidade diferentes para tornar-se um local de espetáculo. De segunda a sábado, a avenida José Bonifácio é uma rua como tantas outras da cidade de Porto Alegre. Fria, movimentada, com suas facetas, é também uma avenida perigosa para se circular à noite por citar-se às margens do Parque Farroupilha. Serve, inclusive, como ponto de encontro de michês e seus clientes. Mas, nos domingos, desde cedo, torna-se um local transfigurado. A chegada dos expositores, do policiamento, da fiscalização do trânsito, dos ambulantes, dos frequentadores, faz com que o circo se arme para o espetáculo que vem. As pessoas tomam conta aos poucos do asfalto antes percorrido por veículos. A população apropria-se do espaço de uma maneira absolutamente natural, como se habitasse sua própria casa.

²⁹ Pesavento, 1992:64.

A mudança social que acontece com a transformação dos vilarejos em cidades urbanizadas faz surgir uma realidade diversa da que era enfrentada até então. A perspectiva de desenvolvimento econômico desses centros atrai pessoas de outros locais, com hábitos comunitários de vida. Mas, face a isso, encontram uma sociedade em mutação, tornando formais as relações de qualquer natureza. Uma forma de sociabilidade de arrabalde, de subúrbio, convive com o surgimento de um estilo de vida urbano, impessoal e moderno. É a sociedade de massa em confronto com a idéia de comunidade.

Mattelart (1994) explica a natureza dessas duas formas de relação e afirma que a preponderância de uma não elimina a outra. Pelo contrário, ambas coexistem, reestruturando-se e cedendo a cada lado.

“No início do século, em 1887, o alemão Ferdinand Tönnies avança o debate sobre a sociedade de massa ao propor a distinção entre duas construções teóricas que representavam a sociedade européia que inciava e aquele que era deixada para trás. “*Gemeinschaft e Gesellschaft*”, ou comunidade e sociedade. A primeira de natureza afetiva e existencial, caracterizada por relações sociais informais. A segunda é de natureza racional (A. Conte), é construída a partir de um vínculo contratual aceito voluntariamente pelos sujeitos; cada uma das partes compromete-se a respeitar certas obrigações e aceita as sanções se as cláusulas do contrato não forem observadas. O indivíduo deve fazer face a um sistema impessoal, anônimo e competitivo. Para Tönnies, esses dois pólos não se excluíam e a sociedade de massa, urbanizada e industrializada, não implicava o fim dos “grupos primários”, mas sua redefinição. Em vez de estruturas e instituições, os dois pólos exprimiam duas dimensões da ação social.”³⁰

Sendo assim, esta junção do modelo de sociedade de massa e comunidade funde a idéia de espaço público e privado. A rua, antes um elemento exterior da cidade, passa a ter um caráter ambíguo e pode ser vista como interior. A partir de agora, estar na rua é tão bom e confortável como estar em casa.

“Não tem mudança no Brique. Às vezes tem um artesanato diferente, uma coisa diferente, mas só a pessoa sair de casa e vir pra cá conviver com outras pessoas, eu acho que é uma grande coisa.” (Maria Elena, 34 anos, vendedora ambulante no Brique)

Dessa maneira, hábitos e práticas antes ‘interiores’ podem ser praticados em locais públicos. É o que se vê aos domingos no Brique da Redenção. Famílias que tomam o parque como seu quintal, senhoras que caminham despojadamente ao sol, casais com suas cadeiras e o chimarrão à mão.

“Se a gente for pensar o nosso povo é muito fechado no sentido de... o comércio... é difícil ter alguma coisa pública. Eu acho que de repente é isso. Ali é uma coisa mais *light*, mais solta. É o porto-alegrense mais solto. Isso a gente vê até na roupa despojada. É o abrigo, é o chinelo de dedo, bermuda. O pessoal não se embeça para ir lá. A não ser senhoras que saíam da missa.” (Luiza, 27 anos, frequentadora do Brique)

Benjamin (1989) lembra a Paris do início do século para destacar os ambientes adotados como interiores pelos transeuntes. As galerias (“caminhos cobertos de vidro e revestidos de mármore”, literalmente passagens, mundos sem janelas), lojas de departamentos e os cafés (ou bulevares) são palco de cenas privadas, de desfiles em tom de intimidade entre o passante e o passeio, fazendo com que, ao passar, sintam-se em casa. Segundo a interpretação de Benjamin, as novas lojas de departamento e galerias que surgem em Paris no século XIX, e mais tarde proliferam-se por outras grandes cidades, caracterizam-se como ‘mundo de sonhos’ (cf. Featherstone, 1995: 43).

“As galerias são um meio-termo entre a rua e o interior da casa. (...) A rua se torna moradia para o *flanêur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa, tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes.”³¹

A imensa quantidade de mercadorias são chamadas por Benjamin de “alegorias”, renovadas constantemente pela forte onda consumista, ávida por novidade. Ele usa esse termo para demonstrar a dissolução do significado estático da palavra, e aponta para a construção de um mosaico de outros significados aparentemente sem sentido, mas legíveis às pessoas, muito devido à proliferação de imagens gerada pelos meios de comunicação de massa no século XX. Há uma ‘liquefação de signos e imagens, mistura de códigos, significantes desconexos’ (Featherstone, 1995, 44).

“Nesse mundo estetizado das mercadorias, as lojas de departamentos, galerias, bondes, trens, ruas, a trama de edifícios e as mercadorias em exposição, além das pessoas que perambulam por esses espaços, evocam sonhos parcialmente esquecidos à medida que a curiosidade e memória do passante é alimentada pela paisagem em constante mutação, onde os objetos aparecem divorciados do seu contexto e submetidos a associações misteriosas, que são lidas nas superfícies das coisas. (...) Os *flâneurs* urbanos contemporâneos celebram e jogam com a artificialidade, a aleatoriedade e a superficialidade da fantástica *mélange* de ficções e valores

³⁰ Mattelart, 1994:46.

³¹ Benjamin, 1989:35.

estranhos que podem ser descobertos nas modas e nas culturas populares urbanas^{32, 33}.

O Brique da Redenção assume o papel de confluência de signos e de liquefação de imagens. As pessoas que frequentam a feira percebem a maneira frenética como todos os bens simbólicos de colocam a sua frente, disponíveis para o consumo.

“É tanta coisa pra gente ver que dá pra ficar vesga. Eu me canso quando venho prá cá porque a gente anda um pouquinho e pára. Daí fica um tempo olhando um cantor, ou o homem da estátua, que se mexe com uma moeda. Daí vai olhar as bancas. Para numa, noutra... Se não parar pra descansar, chega em casa mortinha!” (Zenilda, 63 anos, frequentadora do Brique)

Surge, portanto, um novo ator social: o *flanêur*. Benjamin descreve essa figura como alguém que insere-se na multidão, habitando o espaço público, como se fosse o seu lar. O *flanêur* é denominado por Baudrillard de ‘homem das multidões’, e para Poe³⁴, esse desconhecido busca-a justamente por não sentir-se seguro em sua própria sociedade. O *flanêur* vê e é visto, consome e é consumido, julga e é julgado.

“O *flanêur* é um abandonado na multidão. Com isso, partilha a situação da mercadoria. Não está consciente dessa situação particular, mas nem por isso ela age menos sobre ele. Penetra-o como um narcótico que o indeniza por muitas humilhações. A ebriedade a que se entrega o *flanêur* é a da mercadoria em torno da qual brame a corrente de freqüentes.”³⁵

A atmosfera que envolve os frequentadores do Brique suscita despojamento, a descontração. Há um clima de cordialidade que envolve as pessoas ligadas em uma mesma rede social. Essas redes são, na antropologia, os grupos de pessoas que conhecem-se entre si, como os ecologistas, os petistas, os tradicionalistas, os integrantes do movimento negro, os homossexuais, etc. Assim, ainda que anônimas ao grande público que passeia, os integrantes dessas redes exercem uma espécie de vigilância social uns sobre os outros.

“Existe uma certa situação de convívio imposta no Brique. Eu cansei de ir ao Brique, ver pessoas e atravessar a rua para não encontrar. É um ambiente mais doméstico. É impossível alguém não saber que tu estavas

³² Featherstone, citando Maffesoli, argumenta que isso pode representar um movimento para além do individualismo, no qual massas de pessoas de agregariam temporariamente em “tribos pós-modernas” fluidas.

³³ Featherstone, 1995: 44-45.

³⁴ Citados em Benjamin, 1989:45

³⁵ Benjamin, 1989:52.

no Brique Domingo. ‘Ah! Eu te vi no Brique Domingo’, isso aí é seguido na Segunda, na Terça, na Quarta tu houve. ‘Ah! Eu te vi. Tu estavas com o fulano’, já mapeam com quem estavam, com quem falou. Isso às vezes é chato porque tu não quer falar com as pessoas, não encontrar ninguém. Tu queres, por exemplo, caminhar numa multidão sem ser vista, mas lá é impossível fazer isso. Solidão ou individualidade não existe ali.” (Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique)

A rua – e portanto o Brique também - é a morada do coletivo. Esse novo ‘ser’ age como alguém em sua casa. Assim, muda também a arquitetura, adaptando as ruas para grandes passeios, onde o *flanêur* desfila imperceptível. Nesse momento, cria-se o que Maffesoli (1987) chama de alma coletiva, “na qual as atitudes, as identidades e as individualidades se apagam” (p. 93). É nesse contexto que cada um participa do “nós” global, formando a massa.

O *flanêur* busca na multidão o anonimato. Por um lado ele se sente olhado por tudo e por todos, como um suspeito. Por outro, é totalmente escondido, é um ‘homem da multidão’³⁶ (Benjamin, 1989). Esse é um novo ‘habitar’ das ruas: a *flânerie*. É como uma metamorfose da cidade em um mundo privado. As soleiras das casas são as divisórias das casas; as galerias, os corredores; os *boulevares*, as salas de estar para longas conversas.

“Paisagem – eis no que se transforma a cidade para o *flanêur*. Melhor ainda, para ele, a cidade se cinde em seus pólos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e, como quarto, cinge-o.”³⁷

O *flanêur* é um apaixonado, vive numa espécie de embriaguez esquecida a vagar pela cidade, alimentando-se sensorialmente do que encontra. Ele brinca no labirinto da cidade. O *flanêur* estuda a aparência fisionômica das pessoas, seu modo de andar, sua constituição corporal, sua mímica facial. Ele divaga através das impressões fugazes da multidão. É um observador e seguramente seria capaz de adivinhar profissão, caráter, origem e modo de vida dos transeuntes. Essa é o que Benjamin chama de “a fantasmagoria do *flanêur*”: a partir dos rostos, fazer a leitura dos transeuntes (1989: 202).

“ ‘O observador – diz Baudelaire – é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito.’ Desse modo, se o *flanêur* se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica

³⁶ Título de um conto de Poe.

³⁷ Benjamin, 1989:186

a sua ociosidade. (...) Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande.”³⁸

Os transeuntes no Brique da Redenção assemelham-se ao *flanêur* parisiense. O ir e vir pelos passeios públicos é um hábito que vêm prolongando-se por todos esses anos e encontra na Porto Alegre do final do século, um cenário perfeito para a prática da *flanerie*. A razão para ir ao Brique não é mais a feira, mas o cenário que ela traz consigo quando monta-se a cada domingo. Alguns buscam no anonimato da multidão a fuga ideal, matendo-se inseridos no espaço de convívio social, mas ao mesmo tempo, sem serem precebidos, importunados e podendo partilhar da presença dos outros.

“Então o pessoal que vai ao Brique, embora tenha compromettimentos, ali não quer Ter. Eu acho que é isso, caminhar e arejar a cabeça. Tanto que quando tu encontra as pessoas é “Oi, tudo bom?”, ninguém fala em doença, são saudáveis. Está todo mundo tranquilo de vida, de tudo. Mas é bom, eu acho que é bom sobre algum aspecto. É bom não ficar falando de problemas, se não o pessoal não tem também lazer, diversão. Esquecer um pouco as coisas e eu acho que ali o pessoal esquece.”
(Lúcia, 41 anos, frequentadora do Brique)

Para se conseguir movimentar por entre os espaços urbanos e venciá-los é preciso um “descontrole controlado das emoções” (cf. Featherstone , 1995: 45). Só com autocontrole o *flanêur* consegue passear atarvés das imagens que podem provocar prazeres, mas também perturbações.

“É preciso disciplina e controle para passear através através das mercadorias em exposição, olhar e não agarrar, movimentar-se casualmente sem interromper o fluxo, contemplar com entusiasmo moderado e ar blasé, observar os outros sem ser visto, tolerar a proximidade dos corpos sem se sentir ameaçado.”³⁹

³⁸ Benjamin, 1989:38.

³⁹ Featherstone, 1995: 45.

Considerações Finais

*“O mundo repousa sobre uma plataforma apoiada nas costas de um elefantes, explica um indiano a um inglês. O elefante apoia-se nas costas de uma tartaruga. O inglês indaga:
-E onde se apoia a tartaruga?
-Em outra tartaruga.
-E essa tartaruga?
-Ah, depois dessa são só tartarugas até o fim.”*
Folclore indiano

*“... não há conclusões a serem apresentadas;
há apenas uma discussão a ser sustentada.”*
Clifford Geertz,
em A Interpretação das Culturas.

É sempre difícil não pensar na validade do trabalho que acabou-se de realizar, em especial quando se escrevem as considerações finais. Retomar o assunto e tudo pelo que se passou faz pensar na quantidade de outras coisas que haviam para ser ditas, mas que no entanto não figuraram no texto final. Entretanto, os enfoques do consumo cultural de bens simbólicos e da apropriação da rua como espaço público/privado foram privilegiados, ainda que com a certeza de que nem esses assuntos e nem os que os tangenciam se esgotam. Pelo contrário, apenas suscitam uma discussão maior, muito mais ampla e abrangente sobre a sociedade de consumo.

“Para ser rigorosa, uma observação deve ser completa: onde, por quem, quando, como, por que se faz ou se fez tal coisa.”⁴⁰ Essa frase poderia muito bem ter sido retirada de um manual de jornalismo ou de investigação jornalística. Aprendemos, durante os quatro anos de faculade, que no *lead* da notícia devemos buscar responder as perguntas que o leitor/ouvinte/espectador tem em mente: quem, o quê, quando, onde e por quê. Entretanto, o conselho para que uma observação seja rigorosa vêm de um livro de Marcel Mauss, chamado Manual de Etnografia, de 1967. Assim, é possível perceber que o bom trabalho de investigação jornalística assemelha-se ao de um etnógrafo, ainda que mais superficial. O joranlista também tenta compreender o fato que o intriga, tenta chegar às razões que poderiam justificar este fato como notícia. Nesses meses de pesquisa no Brique da Redenção, me senti parte etnógrafa, parte jornalista, mas sem esquecer o resultado que deveria apresentar – não uma reportagem sobre o frequentador

⁴⁰ Mauss, 1993:34.

do Brique, mas um trabalho acadêmico que já sabia não conter todas as respostas, mas sem dúvida, trazer à tona todas as perguntas verdadeiras sobre aquele espaço de consumo cultural de Porto Alegre.

Um trabalho tão extenso, que nos toma meses de concentração, faz com que paremos diversas vezes para pensar sobre o porquê de se estar refletindo sobre este tema. Pude perceber a necessidade que as pessoas têm de pensar sobre si e sobre o que lhes é próximo. Elas interessam-se pelo estudo do Brique da Redenção porque enxergam a si mesmas nos papéis de atores sociais daquele espaço. E ao ouvirem falar de consumo cultural ou da *flanerie*, aparentemente termos acadêmicos, essas mesmas pessoas identificam-se e percebem o propósito de se buscar compreender o que as impulsiona para irem a cada domingo ao Parque Farroupilha inserir-se numa multidão – de uma forma anônima – e, a um só tempo, construir e “consumir” aquele espaço de sociabilidade. Todos têm dificuldade e também necessidade de falar de si, seus hábitos, estilo de vida e visão de mundo. Muitas entrevistas que realizei e, da mesma forma, conversas informais que tive com diferentes pessoas no Brique da Redenção, começaram com respostas e considerações superficiais sobre o que se falava. Entretanto, no seu transcorrer, os próprios entrevistados foram construindo interiormente alguns significados que até então não haviam percebido, ao ponto de chegarem ao final da conversa e dizerem, sem o menor orgulho, que “nunca haviam pensado como sentiam-se sobre o que tinham acabado de dizer”. Isso me fez chegar na minha própria pessoa, pesquisadora/frequentadora, observadora/participante. É muito difícil e estranho falar sobre si, principalmente quando você se enxerga na figura do outro. Nesse sentido, a pesquisa abriu minha visão para o que eu mesma vinha realizando sem ter consciência até então: a própria *flanerie* que eu acabara de compreender.

A figura do *flanêur* é conclusiva deste trabalho, pois condensa as características dos frequentadores do Brique da Redenção. Alguém que, no início do século, vagueava pelas ruas de Paris, entre suas galerias, *boulevares*, com um ar de embreaguez que o mantinha distante da realidade. O *flanêur* buscava a multidão dos espaços públicos para manter-se anônimo e fazia com que a rua se transfigurasse em sua própria morada, seu espaço privado, ainda que dividido com os outros passantes. No Brique da Redenção, os *flanêurs* porto-alegrenses estão à solta. Eles buscam aquele espaço como um vício, como um hábito que não conseguem deixar. Querem estar no ‘lugar onde as coisas

acontecem no domingo’, mas ao mesmo tempo, não abrem mão de seu anonimato. No Brique você vê e é visto, mas tudo sem que precise deixar de sentir-se em casa, em sua própria moradia, como os *flanêurs* parisienses faziam.

Pensar sobre nossas ações cotidianas, como o consumo cultural que realizamos, é um dos passos para chegarmos a alma da sociedade em que vivemos. Compreender como se dão as relações entre as pessoas é tentar enxergar o reflexo de uma história que a sociedade civilizada vêm montado há muito. O resultado é o que vemos nesse final de milênio: a valorização do coletivo, do retorno à idéia de comunidade, ainda que sob muitos aspectos vivemos sob a sombra da “profecia” da aldeia global.

Esse trabalho é o resultado do desafio que a Universidade nos faz ao chegarmos ao final do curso de comunicação. O desafio de conceber, planejar e desenvolver uma pesquisa que tenha significativa relevância à sociedade. E esse é um trabalho que para ser bem sucedido, depende exclusivamente da vontade do próprio estudante. Conteí, no percurso, com o apoio de inúmeras pessoas, essenciais para o sucesso da pesquisa. Entretanto, o querer interior que trouxe dentro de mim foi a principal alavanca. E, quando concluímos, nós, pesquisadores, podemos dizer que deixamos uma contribuição para clarear a imagem que a própria sociedade tem de si. Numa escala mínima, mas sobretudo, naquilo ao qual nos propusemos.

REFERENCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (coord.). Brique da Redenção: trabalho, educação, subjetividade e saúde em modo não-formal de produção e comercialização de bens. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997
- ARANTES, Antônio Augusto. O que é Cultura Popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas III, Charles Baudelaire – Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de Consumo e Pós-Modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MATTELART, Armand. Comunicação-Mundo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Parque Farroupilha, crônicas. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.
- MAUSS, Marcel. Manual de Etnografia. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). O Espetáculo da rua. Porto Alegre: Editora da universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal, 1992.
- WINKIN, Yves. A nova comunicação. Campinas, SP: Papirus, 1998.